

RESENHAS

TEOLOGIA

MALDAMÉ, Jean-Michel, **Le péché originel. Foi chrétienne, mythe et métaphysique**, «Cogitatio Fidei», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2008, 350 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08573-1, ISSN 0587-6036, Sodis 8282156 2008-V.

J.-M. Maldamé, teólogo dominicano bem conhecido, ligado ao Instituto Católico de Toulouse, assumiu, com alguma coragem e grande discernimento, a retoma da investigação sobre o pecado original. Questão central, como bem frisa na Introdução, seja para a teologia, seja para a pastoral ou a pregação, a sua formulação incorrecta tem feito demasiados estragos à causa da fé: muitos a abandonaram por causa da impressão de absurdo deixada pela apresentação tradicional. Esta retoma tem em vista sobretudo, muito tomasianamente, a clarificação da noção de pecado original. Nesse intuito – está aí uma das suas inovações –, Maldamé faz questão de distinguir noções próximas, que todavia não são idênticas. Tais são as de «pecado de Adão», «pecado do mundo» e «pecado original»; de modo semelhante, distingue entre «começo» e «origem». O resultado final é uma excelente introdução quer ao mistério do mal quer à teologia da redenção, em que todavia deixam de escandalizar coisas como a ideia de um «pecado» herdado por cada criança que nasce e resultam valorizadas quer a grandeza do amor salvífico de Deus

quer a dignidade do ser humano, chamado a ser à imagem e semelhança de Deus.

Maldamé parte do princípio de que a teologia será sempre uma tarefa inacabada. Ela não pode ser dogmatizada e petrificada. Propõe-se, por isso, reler o que na Escritura e na tradição se refere ao pecado original, não, porém, para repetir eruditamente, mas para reinterpretar tendo em conta o novo quadro cultural do tempo presente (o novo horizonte de compreensão) e a nova sensibilidade perante as coisas da religião. Procura levar a efeito este trabalho hermenêutico em bases sólidas e com método adequado e que reconhece ser hoje, justamente, o recomendado pelo próprio Magistério da Igreja. Enuncia, na Introdução, cinco critérios fundamentais, que, muito resumidamente, se podem exprimir assim: 1) Na interpretação da Escritura, é essencial discernir o que o autor quis dizer e porque o disse; 2) A tradição patrística carece de ser lida no seu dinamismo, não podendo ser reduzida a elementos abstraídos do seu contexto; 3) Os concílios também quiseram responder a questões do respectivo tempo, não podendo as suas determinações ser transpostas sem vigilância para o contexto histórico de hoje; 4) A teologia deve ser obra de sabedoria (*sagesse*), conjugando diferentes saberes e, no fundo, a fé e a razão; 5) A teologia deve ser criadora, que não simples repetidora, para bem de crentes e de não crentes.

Com estes pressupostos epistemológicos e metodológicos, Maldamé desenha o seu itinerário em sete etapas: 1) Examinar a origem da noção de pecado original (com Santo

Agostinho) e suas deformações posteriores; 2) Examinar as diferentes modalidades em que a tradição teológica verteu a construção de Agostinho, tornando-se condicionadoras do seu entendimento; 3) Regressar às fontes da Revelação, o que conduzirá à distinção entre as noções (próximas) de pecado original, pecado do mundo e pecado de Adão; 4) Examinar a evolução e transformação da noção de pecado original na cultura ocidental, de fundação agostiniana; 5) Dar conta e reconhecer o valor das novas leituras do Génesis graças à hermenêutica desenvolvida no séc. XX; 6) Proceder a uma clarificação filosófica das noções de origem e de começo, para precisar o sentido do adjectivo «original» na expressão tradicional; 7) Proceder a uma reflexão sobre o que é específico na noção de pecado original: a questão da origem do mal.

Este plano de trabalho é concretizado numa estruturação do discurso em três partes. A primeira enfrenta os «Fundamentos da doutrina do pecado original»: aparição da noção de pecado original em Santo Agostinho (cap. I): experiência do pecado e conversão (esp. *Conf.* V, IX, 16), a ordem do mundo e o mal, as origens do mal, Agostinho leitor de S. Paulo e leitor do Génesis; «Os predecessores de Agostinho» (cap. II): silêncio dos primeiros padres, Ireneu de Lyon, Orígenes, os Capadócijs, Santo Ambrósio, etc.; «Tradições judaicas e tradições cristãs» (cap. III): Literatura intertestamentária, teologia de Paulo...; «A crise pelagiana e a dogmatização da teologia de Agostinho» (cap. IV): a crise, o debate teológico, as decisões conciliares (Cartago, Orange), a difusão das teses de Agostinho, a teologia latina medieval (Tomás de Aquino, etc.), o carácter analógico da noção de pecado...

A segunda parte procede à explicação e fundamentação das três noções afins mas distintas de «Pecado original, pecado de Adão e pecado do mundo»: «O pecado, a

Aliança, a Lei e o perdão» (cap. I): noção bíblica de pecado, primado da graça, etc.; «O pecado de Adão, leitura de Génesis 2, 4b-3, 24» (cap. II): género literário do texto e sua leitura hermenêutica; «O pecado do mundo» (cap. III): a sanção do pecado pelo próprio Deus e a infelicidade como efeito da culpa, o sentido e as implicações do pecado do mundo (noção de mundo, o Príncipe deste mundo...), valor da expressão «pecado do mundo», em relação com o baptismo das crianças e com a ideia de um mal em situação; «A queda» (cap. IV): em relação com a universalidade da culpa, com a gnose, o mito da idade de ouro; questão de Adão histórico ou meta-histórico, valor histórico do texto bíblico, questão da morte; «Elaboração dogmática» (cap. V): definições dogmáticas e posições conciliares (concílios de Orange, Trento e Vaticano II), tradicionalismo católico e estudos universitários, debates actuais na catequese, autoridade da Escritura, primado da graça, mistério pascal...

A terceira parte, a tender para a síntese final do autor, leva como epígrafe «O mistério do mal»: «Começo e origem» (cap. I): discernimento entre estas duas noções e sua relação com a expressão «pecado original»; «O pecado original como mito das origens no pensamento europeu»: *O Paraíso perdido* de Milton, o «discurso inverso» (*Caim* de Lord Byron e *Esboço de uma serpente* de Paul Valéry), naturalização da narrativa do Génesis e desenvolvimento de uma teologia secular; «O pecado original secularizado» (cap. III): o mal em Kant e Schelling, o pecado original em Hegel, etc.; «A doutrina do pecado original vista por cientistas» (cap. IV): pecado original e biologia, incidências de Darwin e do evolucionismo, impasses concordistas, propostas novas (Teilhard de Chardin, D. Dubarle); «Hermenêutica do pecado de Adão» (cap. V): valor da linguagem simbólica (interpretação existencial, valor e função do mito), leitura de

Paul Ricoeur, leitura psicanalítica de Marie Barmy; «Origem do mal moral» (cap. VI): perspectiva religiosa, resposta dos filósofos, profundidade da alma humana, pecado e perdão... a concluir com a enunciação do primado do amor de Deus.

Cada capítulo e cada parte encerram com uma breve conclusão, sempre muito clara, onde se faz a síntese do anteriormente exposto. Um índice simultaneamente onomástico e temático e um índice das citações bíblicas completam o volume.

Nesta cuidada e bem documentada revisitação do mistério do pecado original, Maldamé tem, entre outros méritos, o de considerar, à partida, que a necessidade de o fazer releva, não apenas nem principalmente de razões da ciência moderna, mas de razões teológicas, sendo que, pela negativa, a sua formulação tradicional vem sendo um dos grandes responsáveis pelo abandono da fé por muitos cristãos (cf. pp. 23-24). Ela não enuncia um mistério, mas um absurdo.

No seu estudo, sempre muito bem fundamentado na análise da história da teologia e da doutrina do pecado original, das interpretações e das condicionantes que lhe estiveram subjacentes, este teólogo mostra, com grande clareza (e apesar da concisão), como, particularmente na base de Agostinho e sob a sua autoridade teológica, se foi dogmatizando aquele absurdo, tornando-o mesmo doutrina oficial da Igreja, em lugar de se ter aprofundado o sentido essencial daquilo que essa tradição consagrou com a expressão «pecado original» e que, verdadeiramente, não pode ser entendido nem deve ser ensinado na proximidade da letra (sobretudo do Génesis), tal como Agostinho o entendeu e ensinou.

No fundo, o que Agostinho pretendia foi dar resposta a uma questão metafísica: donde vem o mal, que não pode vir de Deus? Se Agostinho foi à Bíblia buscar a resposta e a

leu como é sabido, Maldamé propõe-se reler a Bíblia para além de Agostinho e para além do Génesis e de S. Paulo. Procura um sentido mais profundo e mais próximo da verdade que se exprime em reserva de mistério. E sobretudo, muito mais à luz do desígnio de amor, graça e salvação de Deus, do que à luz de pecado e da presença do mal no mundo. O primado é daquele, que não desta. A este primado se liga a narrativa mitológica (a seu modo) do Génesis, ou do «pecado de Adão», repleta de uma pluralidade de sentidos e de uma enorme sabedoria. Nesta perspectiva é também analisado por Maldamé o «pecado do mundo», enquanto pecado colectivo e solidário, não atribuível a Deus mas que só pode ser vencido pela graça salvadora de Deus.

Salvação e pecado original, entretanto, relevam de algo que é de ordem metafísica, não podendo ser inscritos no curso sequencial do fenoménico e temporal. A este se liga a noção de começo (ela mesma difícil); àqueles se liga a noção de origem. Pecado original não pode ser, por isso, entendido como pecado inicial, com referência a um acontecimento histórico, por mais que primordial. A expressão refere, antes, a questão da humana recusa do que só pode ser dom de Deus, com preferência por se afirmar em sua autonomia humana (p. 219). O pecado original nomeia «a fonte negra do mal, de que o homem é responsável, herdeiro e transmissor» (p. 321), e que, em contraponto, por si mesma proclama o primado da graça, ou como o pecado é precedido pelo dom (ibid.).

Num tempo em que a fé se debate com tantas dificuldades, os termos – linguagem e sentido – em que é proposta carecem de ser bem cuidados. O próprio *Catecismo da Igreja Católica* procurou fazê-lo, sobre o pecado original, mas deixou, nos seus termos, porventura mais princípio de confusão e recusa que de clarificação e convite à re-

cepção. Saúda-se, por isso, vivamente um estudo como o presente, que certamente marcará uma nova etapa na história do pecado original e passará a ser uma referência bibliográfica obrigatória.

JORGE COUTINHO

VERGOTE, Antoine, **Humanité de l'homme, divinité de Dieu**, coll. «Théologies», Les Éditions du Cerf, www.editionsducerf.fr, Paris, 2006, 342 p., 235 x 145, ISBN 10 : 2-204-08294-5, ISBN 13 : 978-2-204-08294-5 ; ISSN 0761-4330.

Este mais recente livro do conhecido teólogo belga, e investigador do fenómeno religioso Antoine Vergote, é um livro-síntese de todo o percurso do seu autor. Mais do que muitos outros dos seus escritos, este é claramente elaborado a partir da perspectiva de um teólogo cristão, que reflecte, de forma científica e existencialmente madura, sobre a sua fé. Por isso, pode ser considerado uma introdução ao cristianismo, segundo a perspectiva de Vergote.

O que se nota logo na primeira parte. De facto, o livro abre com uma antropologia. Mas não é propriamente uma antropologia estritamente transcendental – como no caso, por exemplo, do Curso Fundamental da Fé, de Rahner – senão uma antropologia fenomenológica. E, entre as opções fenomenológicas, a fenomenologia da religião ocupa um lugar de destaque; o mesmo se diga da abordagem da dimensão psíquica do ser humano. A dimensão simbólica do humano, assumida nas dimensões do desejo e do rito, é aí assumida como chave hermenêutica de uma antropologia que permite compreender o contributo da fé cristã para o sentido do ser humano. Os cinco primeiros capítulos da obra são dedicados a estes novos *praeambula*

la fidei ou mesmo a esta nova modalidade de *praeeparatio evangelica*.

A segunda parte da obra é estruturalmente histórico-salvífica. É uma espécie de fenomenologia da tradição judaico-cristã, assumindo-se a fé cristã claramente como realização, plenificação e, por isso, superação, de todas as preparações anteriores. Tal como noutros estudos seus, o ponto de partida dessa fenomenologia específica é o monoteísmo bíblico, analisado no seu processo de formação e na sua novidade em relação a todas as práticas religiosas anteriores. Um segundo capítulo elabora uma Cristologia narrativa sintética e um terceiro capítulo uma Pneumatologia, cruzada estreitamente com uma Eclesiologia breve. De todo este percurso, resultam conclusões para a identidade da fé cristã, que são abordadas no último capítulo e num epílogo. Um anexo apresenta uma espécie de consequência antropológica da fé cristã (relacionada com a noção de liberdade e de pessoa), o que permite religar todo o estudo com o seu início, numa antropologia agora «convertida», por isso nova.

Tal como outras grandes obras-síntese e maturidade reflexiva, esta merece uma leitura calma e atenta, com grande enriquecimento para o leitor. Apesar de abordar assuntos de sempre, aborda-os segundo o modo peculiar a que Antoine Vergote nos habituou.

JOÃO DUQUE

LUBAC, Cardinal Henri de, **La foi chrétienne. Essai sur la structure du symbole des apôtres**, t. V des Œuvres complètes, Présentation par Peter BEXELL, Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2008, 620 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08560-1.

Do plano de publicação das obras completas de Henri de Lubac em 50 volumes, empresa levada a cabo pelas edições du Cerf,